



A química da educação

Vários estudos ao redor do mundo corroboram com o fato de que a melhoria na educação reflete diretamente no aumento da produtividade e da competitividade de uma nação. Um bom exemplo para ilustrar essa afirmação é a Índia que, a despeito das dificuldades enfrentadas por sua população, que vive em meio a um cenário de contrastes bastante desafiadores, é uma nação pujante no que se refere à formação de capital humano de elevado nível profissional.

O governo indiano tem tratado a educação como uma de suas prioridades. De olho nessa mão-de-obra qualificada e farta, várias multinacionais têm investido substancialmente no país, alavancando sua economia.

No Brasil, infelizmente, ainda estamos longe de um sistema educacional exemplar, quiçá satisfatório. Consequentemente, a preocupação com mão-de-obra qualificada tem sido uma constante para estudiosos, pesquisadores, políticos, empresários e executivos. Entretanto, algumas ações começam a ganhar corpo, como é o caso do programa “Educação para a Nova Indústria”, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), lançado no segundo semestre de 2007. De abrangência nacional, a iniciativa prevê investimentos de R\$ 10,45 bilhões na educação básica e profissional de 16,2 milhões de brasileiros até 2015.

O que também encorpou foi a participação do setor privado na educação. De acordo com dados apresentados pelo 5º Censo do Investimento Privado (ISP), elaborado pelo Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife) para o período 2007-2009, o maior volume de investimentos continua sendo aplicado na área da educação, concentrado principalmente na população jovem. Contudo, vale ressaltar, aplicar recursos em ações que não façam diferença, apenas para manter as aparências, é desperdício de tempo e de dinheiro. Um bom caminho para uma companhia é fazer uso de sua expertise, ou seja, se é uma empresa do setor químico, que foque em projetos e ações, por exemplo, que levem a química ao alcance de jovens estudantes, a fim de desmistificar o tema.

O investimento em educação não deve estar suscetível, mas alinhado ao posicionamento estratégico da empresa

O investimento em educação não deve estar suscetível, mas alinhado ao posicionamento estratégico da empresa, pois além dos benefícios sociais e da contribuição para o desenvolvimento do país, ganha também a companhia, que tem como retorno a construção de uma marca valorizada e admirada perante seus stakeholders, o reconhecimento e a satisfação de seus funcionários e, por fim, a possibilidade de contar com uma mão-de-obra mais qualificada.

Mas alguns devem perguntar: como fica isso em tempos economicamente difíceis? É especialmente importante em tempos como esses não perder de vista os desafios do futuro e a visão de longo prazo, e a educação é parte dos investimentos que a empresa faz com vistas a sua própria perpetuação. Conhecimento é a matéria-prima mais importante que uma corporação pode ter e, nesse sentido, trabalhadores qualificados são pré-requisito crucial para o sucesso sustentável dos negócios. ■